

Sobre o «Mostrengo» de Fernando Pessoa

O parentesco literário entre o «Mostrengo» da *Mensagem* de Fernando Pessoa e o «Adamastor» de *Os Lusíadas* de Camões não escapou, quanto é do meu conhecimento, até hoje, a um só leitor que conheça os dois textos. Mas há diferenças óbvias entre o «Mostrengo» do poeta nosso contemporâneo e o «Adamastor» do épico quinhentista.

O «Adamastor» é o herdeiro de uma tradição clássica que se insere em dois dos mais antigos temas literários greco-latinos, um épico outro bucólico, o da Gigantomachia, ou luta dos titãs com os deuses, e o da paixão do ciclope Polifemo, o «monstro» pastoril, pela ninfa Galatéia [...].

O Adamastor foi «dos filhos aspérrimos da Terra» e participou com os gigantes seus irmãos na guerra contra os deuses. Não que tentasse escalar o céu mas, como «capitão do mar», lutou contra «a armada de Neptuno». A paixão pela ninfa Tétis, «a alta esposa de Peleu», o fez «tomar tamanha empresa». Tétis está aqui para o Adamastor como a Galatéia greco-latina estava para o gigante Polifemo.

Depois da derrota, e da desilusão amorosa, mais pesada do que o desaires guerreiro, veio o castigo sob a forma de metamorfose, tema ovidiano e barroco (ou maneirista, se quiserem) muito adequado ao espírito da segunda metade do século XVI.



A dureza do destino que castigou o Adamastor humaniza-o e suscita no leitor uma involuntária simpatia pelo gigante amoroso e infeliz. E na série de desgraças que ele tem para anunciar aos navegantes, não falta o destino trágico de um casal de enamorados, Manuel e D. Leonor de Sepúlveda. [...].

O «Adamastor», como episódio de *Os Lusíadas*, estende-se por vinte e quatro estâncias (V, 37-60) e um total de 192 versos. O «Mostrengo», como poema da *Mensagem*, não vai além de vinte e sete versos em três estâncias de nove versos cada. E há que reconhecer que o efeito obtido no leitor vem, em grande medida, de inevitavelmente se lhe associarem as circunstâncias ambientais e os motivos literários da narrativa do Adamastor camoniano. Com efeito, sem o seu grande antepassado, o «Mostrengo» da *Mensagem* seria um poema sem relevo especial no conjunto do único livro publicado na vida do poeta. É mesmo duvidoso que Pessoa pudesse ser tão conciso e, não obstante, completo, sem o pressuposto do episódio de *Os Lusíadas*.

Com o «Adamastor», o poeta quinhentista trata, à sua maneira, um dos temas tradicionais da épica greco-latina. Ora este aproveitamento de um motivo célebre fazia parte da tradição clássica, que não cultivava a originalidade a todo o custo, e a criatividade ignorante, mas se deleitava na admiração dos motivos tradicionais e na sua superação, por uma imitação superiormente artística e, se possível, genial. Ao versar de modo inconfundível um tema famoso, o poeta clássico fazia-o seu.

Mas na economia do poema, o Adamastor tem outra função. Pela boca do seu gigante, Camões apresenta uma parte do reverso da medalha das glórias da expansão ultramarina: a História Trágico-Marítima. Porque o Adamastor é um gigante que sobrenaturalmente (o poeta não explica como) conhece as desgraças que estão para acontecer, segundo afirma ao Gama, a

«... quantas naus esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas»
(V.43,1-2).

Na *Mensagem*, o Mostrengo nada sabe. Em vez de ser ele, como entidade sobrenatural, a esclarecer os navegantes, precisa, pelo contrário, de ser esclarecido. E no esquema da *Mensagem* a sua função principal parece ser a de exaltar aquele que sempre foi considerando o maior rei de Portugal, «Joane segundo e Rei trezeno», como lhe chamou Camões [...].

Mas embora o cenário seja em ambas nocturno, sabe-se que a «nuvem que os ares escurece» é passageira («Desfez-se a nuvem negra... », V, 60, 3), enquanto o Morcego-Mostrengo voa «na noite de breu», cuja duração não é limitada por qualquer indicação temporal. Isto é, em Camões, o Adamastor existe no ambiente luminoso, apenas ocasionalmente obscurecido, da mitologia greco-latina; em Pessoa, a «noite de breu» transmite a sugestão de uma paisagem infernal, de possível origem bíblica. [...]

Américo da Costa Ramalho, *Camões no seu Tempo e no Nosso*, Coimbra, Almedina, 1992